

Irã fecha Estreito de Ormuz em meio a contato com EUA

Mesmo com tensão entre países, negociações nucleares tiveram avanços

/ ORIENTE MÉDIO

Apenas algumas horas após o início das negociações entre os EUA e o Irã, a agência de notícias semioficial iraniana Fars informou que partes do estratégico Estreito de Ormuz seriam fechadas por algumas horas nesta terça-feira. O fechamento seria por "precauções de segurança". A Guarda Revolucionária iraniana estaria realizando exercícios militares, não especificados, envolvendo a rota de exportação de petróleo mais importante do mundo.

Teerã já havia ameaçado no passado fechar o estreito para o transporte comercial se fosse atacada. Caso houvesse um fechamento completo, a medida boquearia um quinto do fluxo global de petróleo e elevaria os preços do petróleo bruto.

Negociações nucleares entre EUA e Irã acontecem desde a segunda-feira. Os enviados norte-americanos Steve Witkoff e Jared Kushner estão participando das conversas, que estão sendo mediadas por Omã, juntamente com o ministro das Relações Exteriores iraniano, Abbas Araghchi. Segundo o chefe da delegação iraniana, Abbas Araghchi, as conversas têm sido "produtivas" e conduziram ao estabelecimento de "princípios gerais" para novas rodadas entre os dois países. A expectativa é de que o Irã apresente uma proposta mais detalhada em até duas semanas - embora Araghchi tenha acentuado que a retórica do presidente norte-americano Do-



Retórica dos EUA provocou atos pró-Irã em cidades como Los Angeles

nald Trump poderia prejudicar o andamento das conversas.

Trump disse que estaria envolvido "indiretamente" nas negociações e que acredita que Teerã queira chegar a um acordo. "Não acho que queiram as consequências de não fazer um acordo", disse a repórteres a bordo do Air Force One, na segunda-feira.

Assim que as negociações tiveram início, o aiatolá Ali Khamenei passou a fazer uma série de ataques aos EUA. "O presidente dos EUA diz que seu exército é o mais forte do mundo, mas o exército mais forte do mundo às vezes pode levar um tapa tão forte que não consegue se levantar", disse ele, em uma da série de publicações feitas nas redes sociais.

Teerã e Washington tinham programado realizar a sexta rodada de negociações em junho do ano passado. Na ocasião, no entanto, Israel, aliado dos EUA, lançou mísseis contra o Irã, à qual se juntaram bombardeiros B-2 americanos que atacaram alvos nucleares.

As tensões voltaram a se ampliar na última sexta-feira, quando Trump ordenou que porta-aviões fossem enviados ao Oriente Médio e declarou que uma mudança de governo no Irã seria "a melhor coisa que poderia acontecer". Além de uma reação agressiva de Teerã, as ações provocaram protestos em diferentes partes do mundo, incluindo cidades norte-americanas como Los Angeles.

Museu Britânico retira termo Palestina de exposições

/ REINO UNIDO

O Museu Britânico retirou a palavra "Palestina" de parte das exposições permanentes sobre Oriente Médio. A mudança afeta mapas e textos explicativos que identificavam a costa leste do Mediterrâneo com esse nome em diferentes períodos históricos.

Segundo a instituição, a revisão ocorreu após consultas públicas realizadas no ano passado e levou em conta a avaliação de que o termo deixou de ser historicamente "neutro". Em seu lugar, passaram a ser usadas de-

nominações consideradas mais adequadas a cada época, como Canaã, reinos de Israel e Judá ou Judeia. Em um dos painéis, a expressão "ascendência palestina" foi substituída por "ascendência cananeia".

A decisão foi precedida por uma carta da associação UK Lawyers for Israel ao diretor do museu. O grupo argumentou que aplicar retrospectivamente o nome "Palestina" à região ao longo de milênios poderia obscurecer mudanças históricas e minimizar a existência dos antigos reinos israelitas.

Após a alteração, uma petição online reuniu milhares de assinaturas pedindo que o museu volte atrás. Os críticos afirmam que o termo é usado há mais de dois mil anos, foi citado por Heródoto no século V a.C. e em *Otelo*, de William Shakespeare, por exemplo, e que sua retirada contribui para o apagamento da presença palestina na memória pública.

O museu informou que seguirá a terminologia da ONU para fronteiras atuais e que ajustará os termos históricos conforme o período retratado.

Defensor dos direitos civis nos EUA, Jesse Jackson morre aos 84 anos

/ DIREITOS CIVIS

Ativista dos direitos civis nos Estados Unidos, o reverendo Jesse Jackson, morreu nesta terça-feira, aos 84 anos, afirmou a família em um comunicado. Companheiro de Martin Luther King nos anos 1960, ele lutou contra as barreiras que limitavam o espaço político aberto aos afro-americanos.

"Nosso pai foi um líder servil, não apenas para nossa família, mas para os oprimidos, os que não têm voz e os ignorados de todo o mundo", destaca o comunicado da família. "Sua fé inabalável na justiça, igualdade e amor inspirou milhões de pessoas, e pedimos que honrem sua memória seguindo a luta pelos valores pelos quais ele viveu."

Pastor batista e aliado de Martin Luther King, ele foi um dos principais nomes na luta por igualdade racial e justiça social nos EUA. Talentoso orador, Jackson fez recuar ao longo de sua vida as barreiras que limitavam o espaço político aos afro-ame-

ricanos. Uma das cenas que entraram para a história foi quando Jesse Jackson chorou no Grant Park, em Chicago, após o anúncio da vitória de Barack Obama.

Jackson foi candidato duas vezes à presidência dos EUA. O veterano ativista será homenageado em uma cerimônia pública em Chicago, em data ainda a ser definida. Jackson deixa esposa e seis filhos.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tornou públicas suas condolências pela morte de Jackson, a quem descreveu como uma força da natureza como poucos foram antes dele. "Eu o conheci bem muito antes de chegar à presidência. Foi um bom homem, com muita personalidade, determinação e astúcia das ruas", declarou o presidente republicano.

A família não especificou a causa da morte, mas Jackson anunciou em 2017 que sofria da doença de Parkinson. Em novembro, ele havia sido hospitalizado em observação por outra doença neurodegenerativa.

Agentes deixam Minnesota, mas governo manterá forças na região

/ ESTADOS UNIDOS

O coordenador da Casa Branca para a fronteira, Tom Homan, confirmou no domingo que cerca de 1 mil agentes de imigração já haviam deixado a região das Twin Cities, em Minnesota, e que centenas de outros devem sair nos próximos dias, como parte da redução da operação de reforço da fiscalização migratória do governo Donald Trump.

Czar da fronteira, Homan afirmou, em entrevista à rede CBS, que uma "pequena" força de segurança permanecerá por um período limitado para proteger os agentes que ainda seguem no Estado e atuar em situações de risco, quando "os agentes forem cercados por agitadores e as coisas saírem do controle". Ele não detalhou o tamanho desse contingente. Segundo o assessor, os agentes também continuarão investigando denúncias de fraude e o protesto contra a operação migratória que interrompeu um serviço religioso em uma igreja.

"Voltaremos ao tamanho original do efetivo", resumiu Homan. Milhares de agentes foram enviados às áreas de Minneapolis e St. Paul na Operação Metro Surge, conduzida pelo Serviço de Imigração e Controle de Alfândega (ICE). O Departamento de Segurança Interna (DHS) classificou a ação como a maior operação de fiscalização migratória já realizada e disse que ela foi bem-sucedida. O endurecimento, porém, passou a ser alvo de críticas à medida que o clima se tornou mais tenso e dois cidadãos americanos, Renee Good e Alex Petti, foram mortos por agentes.

Protestos se tornaram frequentes, e uma rede de moradores se organizou para apoiar imigrantes, alertar sobre a presença de agentes e filmar as ações de fiscalização.

O assessor disse que a fiscalização não será interrompida e que operações de deportação em larga escala seguirão sendo realizadas em outras partes do País. Os agentes que deixarem Minnesota devem retornar às suas bases de origem ou ser realocados para outras áreas. Ao ser questionado se futuras operações poderiam ter o mesmo porte da ação nas Twin Cities, Homan respondeu que isso "depende da situação".